

Redes Sociotécnicas: espaço de inter-relação entre a cognição e a comunicação

Carlos M. Camargos Mendonça

Mestre em Comunicação Social pela UFMG

Professor do Departamento de Comunicação Social do Uni-centro BH

Assessor de Comunicação Social da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte

Maria Céres Pimenta Spínola Castro

Doutora em Ciências Sociais pela Unicamp

Secretária Municipal de Educação de Belo Horizonte

Professora aposentada do Departamento de Comunicação Social da UFMG

PALAVRAS-CHAVE

Cognição – Subjetividade – Educação

RESUMO

Este artigo pretende discutir a inter-relação entre os novos processos comunicacionais, mediado por tecnologias como as redes telemáticas, a subjetividade e a cognição. Para tal, tomamos de empréstimo a noção de subjetividade cunhada por Félix Guattari e os princípios expostos por Pierre Lévy sobre a relação *medium* e memória. Apontamos, aqui, a necessidade que a informática pública tem no sentido de elaborar políticas que garantam às classes populares o acesso às redes sociotécnicas.

“Seja nas mentes, através dos processos mnemoténicos, no bronze ou na argila, pela arte do ferreiro ou do oleiro, seja sobre o papiro do escriba ou pergaminho do copistas, as inscrições de todos os tempos – e em primeiro lugar a própria escrita – desempenham o papel de travas de irreversibilidade. Obrigam o tempo a passar em apenas um sentido; produzem história, ou melhor, várias histórias com ritmos diversos. Uma organização social pode ser considerada como um dispositivo gigantesco servindo para reter formas, para selecionar e acumular as novidades, contanto que nesta organização sejam incluídas todas as técnicas e todas as conexões com o ecossistema físico-biológico que a fazem viver. As sociedades, estas enormes máquinas

heteróclitas e desreguladas (estradas, cidades, ateliês, escritas, escolas, línguas, organizações políticas, multidões no trabalho ou nas ruas...), secretam, com sua assinatura singular, certos arranjos especiais de continuidades e velocidades, um entrelace de história”(LÉVY,1993,76).

A revolução tecnológica a que estamos submetidos alcança terrenos que até então pareciam-nos impermeáveis a este avanço. As redes sociotécnicas extrapolam os limites dos sistemas informáticos comunicacionais para ganhar amplitude na vida cotidiana do sujeito. Cozinhar no microondas, sacar dinheiro em bancos eletrônicos, usar telefonia via satélite, assistir a TVs a cabo projeta o sujeito em outro lugar social. Este novo *locus* é formado pelo espaço virtual das redes informáticas e o espaço da vida urbana, entre a técnica e o *socius*. Humano e máquina caminham para uma aproximação sem parâmetro em toda nossa história. A separação entre sujeito e objeto tão propalada na modernidade cai por terra nos tempos atuais. Nesta época, há um conagraamento, não sem grandes preocupações, entre o sujeito e o objeto.

Mais do que análises catastróficas ou apologéticas sobre o assunto, precisamos perceber como o surgimento de tecnologias informáticas e comunicacionais propicia o aparecimento de uma nova cultura na vida social e nos obriga a repensar nossos parâmetros. Amparada pelas tecnologias do hipertexto e dos dispositivos telemáticos, a cibercultura conseguiu alcançar os mais diversos domínios da vida social, produzindo repercussões que perpassam a vida privada, as relações de trabalho, a educação, desenvolvendo um novo tipo de laço comunitário, presente nas chamadas cibercomunidades.

O encadeamento paradoxal do laço social e da produção da subjetividade nas sociedades pós-industriais não pode ser esvaziado a pretexto da crescente interferência das mediações tecnológicas. O que identificamos aí é uma complexificação das relações mediadas pela tecnologia e uma ampliação da experiência coletiva através de novos modos de se comunicar e de se estabelecer espaços intersubjetivos e comunitários – e isso de uma maneira bastante distinta do que ocorria no período de influência exclusiva das mídias massivas. Os novos modos de subjetivação estão contidos em um amplo contexto que congrega máquinas, instrumentos cognitivos, afetos, trabalho, pensamento, enfim, um grande mosaico que se amplia a cada dia com o auxílio das tecnologias da comunicação. Pierre Lévy nos relembra, por diversas vezes, que precisamos conferir um importante grau de atenção às relações entre os processos do sistema cognitivo humano, os instrumentos mnemônicos, e as técnicas de comunicação.

Seja sob os olhares dos artistas, seja sob as visões acadêmicas, é indiscutível que estamos nos debruçando sobre uma complexa trama de dispositivos – tanto técnicos quanto semióticos, tanto sociais quanto culturais – que modelizam a subjetividade. Para Guattari, podemos entender a

subjetividade como “o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial auto-referencial, em adjacência ou relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva” (1993,19). Félix Guattari nos expõe três principais componentes heterogêneos da subjetividade:

“1. Componentes semiológicos significantes que se manifestam através da família, da educação, do meio ambiente, da religião, da arte, do esporte; 2. elementos fabricados pela indústria dos mídias, do cinema etc.; 3. dimensões semiológicas a-significantes colocando em jogo máquinas informacionais de signos, funcionando paralelamente ou independentemente, pelo fato de produzirem e veicularem significações e denotações que escapam então às axiomáticas propriamente lingüísticas” (GUATTARI,1992,14).

Podemos perceber facilmente que a experiência humana contemporânea está diretamente relacionada ao desenvolvimento dos dispositivos tecnológicos. Essa relação progressiva tem gerado inquietações nos mais diversos pensadores. Adriano Duarte Rodrigues irá nos dizer que, ao tornar-se preponderante na contemporaneidade, o complexo técnico-científico adquire um aspecto de naturalização. Esse aspecto natural, ou melhor, “naturalizado”, emerge de sua inserção nas esferas do comportamento humano, nas formas da linguagem e nos comportamentos da vida cotidiana. Ele alerta ainda que corremos riscos neste processo, como, por exemplo, o de uma tecnicização generalizada da experiência humana. O surgimento das tecnologias informáticas comunicacionais imprimiu, com efeito, grande velocidade na circulação das informações, modificando nossa apreensão do mundo e nosso modo de experienciá-lo em seus diferentes aspectos. Porém, Duarte relembra que, apesar da universalização dos fluxos mediáticos, há uma manifestação, cada vez maior, do pluralismo cultural, o que propicia o surgimento de conflitos das interpretações a partir do afastamento entre o campo informativo e a experiência comunicacional.

Devemos ressaltar que as aproximações entre técnica e experiência não são privilégio das tecnologias informáticas. No campo da educação, os processos de síntese e de apreensão a que o estudante está submetido, por exemplo, são compostos por uma carga significativa que mescla semióticas heterogêneas e múltiplas linguagens técnicas, traços de significações iconográficas, simbólicas ou diagramáticas, operações que algumas vezes se aproximam de um comportamento analógico – instrumento privilegiado na educação, na retórica e na ciência – e outras de uma reação digital – que se expressam na escrita, nas manipulações simbólicas e nas operações de maior precisão.

A informática na educação está longe de adquirir seu real espaço, ela ainda é usada mais como entretenimento que como um importante instrumento

para auxiliar os processos cognitivos e as relações intersubjetivas. As modificações sofridas nas sociedades tecnológicas – aqui estamos nos referindo às experiências brasileiras –, não conseguiram alcançar o trabalho escolar. Sem considerar os projetos de educação a distância (sobre os quais poderíamos discorrer inúmeras páginas), as experiências em nosso país apontam, em sua maioria, um quase nenhum esforço no sentido de transformar os modos de organização e produção da escola tradicional. Segundo Robinson Moreira Tenório,

“A educação tem um papel crucial para a compreensão e transformação dos instrumentos teóricos e práticos da forma de produção material e de conhecimento, o que inclui hoje, em uma demanda crescente, os instrumentos informáticos, conceituais e técnicos, particularmente a potência e a impotência dos processos analógicos e digitais, e sua impregnação fecunda” (TENÓRIO, 1998, 140).

Não se trata de conceder ao instrumento informático um status absoluto sobre os métodos de apreensão e formalização do conhecimento no âmbito escolar. Mas de deslocá-lo de seu lugar atual, deixando de ocupar apenas os laboratórios e as unidades administrativas para fazer parte da prática cotidiana da sala de aula. Se esta preocupação caminha nas redes particulares de ensino, mesmo que ainda elaborada de modo tosco, nas redes públicas ele ensaia seus primeiros passos.

A elaboração de políticas que possibilitem avanços na inter-relação entre escola e redes sociotécnicas, garantindo ações de capacitação e aperfeiçoamento dos profissionais envolvidos, interagindo com as relações locais, configura-se como uma demanda crescente que se apresenta para o poder público. É neste sentido que a informática pública apresenta-se como importante fator no desenvolvimento educacional. O adolescente classe média escolarizado é hoje um dos maiores usuários de Internet. Este acesso é restrito para os setores populares. Apesar do crescimento acentuado da Internet nos últimos 15 anos, cerca 6% da população mundial já dispõem dessa tecnologia, para a grande maioria dos estudantes da escola pública brasileira esta realidade faz parte do universo da ficção.

Certamente este é um quadro que deve ser alterado de forma a garantir o acesso de todos os estudantes não apenas à informática, mas especialmente às redes sociotécnicas. Tal garantia não pode, entretanto, se restringir à existência de equipamentos em quantidade e qualidade adequada ao acesso dos estudantes e professores – ainda que esta seja uma condição essencial – mas supõe, necessariamente, a formulação de propostas que incorporem, no trabalho pedagógico das escolas, as alterações da percepção de mundo, das relações temporais e espaciais, da linguagem, das relações sociais e do próprio

conhecimento possibilitadas ou mesmo exigidas pelo desenvolvimento dos dispositivos tecnológicos. Somente assim poderemos considerar que os processos educativos contemporâneos terão conseguido incorporar a gama de possibilidades oferecidas por tais dispositivos, submetendo-os, entretanto, às exigências de construção das novas subjetividades. E essa é uma tarefa que a informática pública não pode negligenciar.

KEYWORDS

Cognition – Subjectivity – Education

ABSTRACT

This article intends to discuss the interrelation among the news communication's processes, mediated by technologies as the nets telematics, the subjectivity and the cognition. For such, we took of loan the Félix Guattari's subjectivity notion and the principles exposed by Pierre Lévy about the relationship medium and memory. We pointed, here, the need of the public informatics to elaborate politics that guarantee to the popular classes the access to the nets tecncis social

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUARTE, Adriano. *Comunicação e cultura - a experiência cultural na era da informação*. Lisboa: Presença, 1994.

GUATTARI, Félix. *Caosmose – um novo paradigma estético*. Rio de janeiro: Editora 34, 1993.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. Rio de janeiro: Editora 34, 1993.

TENÓRIO, Robinson Moreira. *Cérebros e computadores*. São Paulo: Escrituras, 1998.